

SBTE 136 IATF, TETF e IA

**Utilização de duas doses de cloprostenol em diferentes intervalos na sincronização do estro em ovelhas da raça santa inês**

Sheylla Foligno De Carvalho Menezes De Almeida<sup>1</sup>; Jeferson Ferreira Da Fonseca<sup>2</sup>; Mário Felipe Alvarez Balaro<sup>1</sup>; José Gabriel De Almeida<sup>1</sup>; Pedro Henrique Nicolau Pinto<sup>1</sup>; Ana Beatriz Moura<sup>1</sup>; Rômulo Mendonça Da Rosa<sup>1</sup>; Felipe Zandonadi Brandao<sup>1</sup>

1. *Universidade Federal Fluminense*; 2. *EMBRAPA Caprinos E Ovinos, Núcleo Regional Sudeste*.

**Palavras-chave:** Ovino; prostaglandina; ovulação

O objetivo deste estudo foi comparar protocolos de sincronização do estro, utilizando duas doses de cloprostenol em diferentes intervalos, durante o mês de março, dentro da estação reprodutiva, em ovelhas da raça Santa Inês, no município de Cachoeiras de Macacu-RJ. Um total de 30 ovelhas (43,9±6,4 kg; 2,9±0,3 ECC e 3,4±1,6 anos de idade), desmamadas há pelo menos três meses, foram divididas equitativamente, em três tratamentos, com intervalos de: 11,5 dias (G11,5: n=10), 9 dias (G9: n=10) ou 7 dias (G7: n=10). A dose utilizada, por aplicação, foi de 37,5 µg de cloprostenol (Estron®, Agener União, São Paulo, Brasil) por via intramuscular. Avaliações ultrassonográficas foram realizadas pela via transretal (modo-B, SonoScape®, Shenzhen, China) para acompanhamento da dinâmica folicular e luteal, diariamente a partir de 5 d antes da primeira dose, e a cada 12 h após ambas aplicações, novamente por 5 d, ou até a ocorrência da ovulação. Para a detecção do estro, as fêmeas foram rufiadas, individualmente, a cada 12 h, após cada aplicação, por no máximo 5 d com duração de 5 min por animal. As variáveis quantitativas normais foram submetidas à ANOVA seguida pelo teste de Tukey (P<0,05). Os dados relativos a taxa de ovelhas em estro (%) foram avaliados pelo teste Exato de Fisher (P<0,05). O percentual de animais em estro após a primeira dose não diferiu (P> 0,05) entre os grupos: G1 1,5 – 60% (6/10); G9 – 80% (8/10) e G7: 80% (8/10) assim como a duração do estro (G11,5: 24,0±13,1 h; G9: 37,5±7,7h e G7: 28,5±11,0h. Após a segunda dose, as taxas de apresentação do estro e de duração do estro também não diferiram (P>0,05) entre os grupos, respectivamente: G11,5 – 90% (9/10) e 29,3±12,2 h; G9 – 100% (10/10) e 36,0±10,4 h; e G7 – 80% (8/10) e 31,5±8,9 h. Não houve diferença estatística (P>0,05) nos intervalos da segunda dose ao início do estro, fim do estro, e do estro à ovulação entre G11,5 (48,5±8,9 h; 80,0±8,5 h; 35,0±20,1 h), G9 (50,3±13,1 h; 83,0±9,1 h; 25,5±12,2 h) e G7 (36,5±6,2 h; 68,0±14,0 h e 20,3±6,1 h). O intervalo da aplicação da segunda dose à ovulação diferiu (P<0,05) entre os grupos G11,5 (78,7±9,4 h) e G7 (56,8±6,2 h). O G9, por sua vez, foi similar (P>0,05) a ambos (75,5±8,3 h). O G7 antecipou a ovulação e apresentou menor desvio padrão (P<0,05). É provável que os animais do G7 estivessem próximos do período de dominância folicular, ou que já estivessem com os folículos dominantes, enquanto G11,5 e G9 poderiam estar ainda no início da onda folicular. Os três protocolos foram eficientes para a sincronização de estro em ovelhas da raça Santa Inês.